

**INUTILIA TRUNCAT: UMA LEITURA DO CONTO
“CIVILIZAÇÃO” DE EÇA DE QUEIRÓS**

*Alana de Oliveira Freitas El Fabl**

RESUMO:

O presente trabalho tem por objetivo empreender uma leitura do conto *Civilização* (1892) de Eça de Queirós. Através da análise das mudanças ocorridas na biblioteca de seu protagonista Jacinto durante a narrativa, é possível perceber que o autor utiliza os títulos dos livros como estratégia textual que vai delineando a mudança ideológica de seu personagem. Como em outras obras do autor, a literatura passa a funcionar como uma personagem no conto eciano.

PALAVRAS-CHAVE: Biblioteca. Civilização. Conto. Eça de Queirós.

1 Jacinto na civilização: a flor do pessimismo

Situada como uma das linhas de frente do Realismo português, a importante produção literária de Eça de Queirós (1845-1900) oferece ainda orientação à cultura e à literatura em língua portuguesa. Tal condição representa um ponto pacífico entre os críticos, já que é notória a efetiva contribuição de Eça na construção das bases ideológicas e estéticas da segunda metade do século XIX. Os seus romances sempre são citados, quando é necessário exemplificar as linhas mestras defendidas pelo período, tais como o desmascaramento dos vícios burgueses, o materialismo, o adultério, o anticlericalismo, ou a hipocrisia da sociedade, enfim, as falhas morais do homem português no final do século XIX.

Romances como *O crime do Padre Amaro* (1875), *O primo Basílio* (1878) e *Os Maias* (1888) se mostram como espelhos da burguesia lusitana, vista também como metonímia da humanidade; são narrativas nas quais o autor tece críticas ácidas contra a sociedade através das fragilidades de suas instituições basilares como a igreja, o casamento e a família.

Todavia, ao longo do seu desenvolvimento, a profícua obra do autor vai adquirindo novos contornos, que, por vezes, se distanciam dos objetivos centrais dessas primeiras narrativas, ainda que sem os abandonar totalmente. A trajetória de suas obras posteriores vai-se multifacetando e ganhando feições diferenciadas que apontam para uma transformação, sobretudo da matéria-prima utilizada como fonte pelo escritor. Se, em seus primeiros romances o autor focalizava primordialmente o Portugal

* Doutora em Letras (Teorias e Críticas da Literatura e da Cultura) pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Professora de Literatura Portuguesa da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS).

contemporâneo, num constante propósito do espelhamento realista propagado nas Conferências do Cassino, nas obras seguintes há um alargamento desse olhar; O monóculo amplia-se, a fim de buscar outras matérias, ainda que apontem, em última instância, para a análise mais profunda do seu tempo, análise que, atenta ao diagnóstico da dinâmica social, foge ao documentário, à exibição imediata própria à representação estritamente realista. É justamente dentro desse período de ampliação dos materiais, que surgem os contos que tomamos como objeto de estudo.

O livro *Contos* veio a público em 1902, em uma publicação póstuma organizada por Luiz de Magalhães, que reuniu 12 narrativas publicadas em periódicos entre os anos de 1874 e 1898, a saber: “Singularidades de Uma Rapariga Loura” (1874), “Um Poeta Lírico” (1880), “No Moinho” (1880), “Civilização” (1892), “A Aia” (1893), “O Tesouro” (1894), “Frei Genebro” (1894), “O Defunto” (1894), “Adão e Eva no Paraíso” (1896), “A Perfeição” (1897), “José Matias” (1897) e “O Suave Milagre” (1898).

Por reunir textos escritos ao longo de duas décadas, o conjunto de contos expõe mudanças de procedimentos narrativos que se vão apresentando na obra do autor, bem como a permanência de seus ditames iniciais. Esse binômio de permanências e mudanças é também perceptível nos romances, conforme observa Reis (2000, p. 30-31):

As últimas obras de Eça, ou seja, *A ilustre casa de Ramires* (1900), *A cidade e as serras* (1901) (que tal como a publicação em volumes d’ *A correspondência de Fradique Mendes*, em 1900, hão de considerar-se semi-póstumas, por não terem sido inteiramente concluídas pelo escritor) revelam ainda traços da atenção que o escritor nunca deixou de consagrar a realidade envolvente; e de novo, ultrapassada a rigidez programática dos anos naturalistas, a escrita queirosiana contempla elementos de natureza histórica, simbólica e mítica. De qualquer forma, não podemos ignorar que as escritas dessas obras finais- e também dos contos, das crônicas de imprensa e até das cartas que escreveu nos últimos dez anos de sua vida- ocorre num tempo de mudança ideológica: assim devemos considerá-lo, se confrontarmos esse último Eça com aquele que defendeu as posições do tempo (e mesmo depois) das Conferências do Casino.

O presente trabalho se limita a analisar em especial o conto “Civilização”. Também situado nesse horizonte descrito por Reis (2000) como o último de Eça. “Civilização”, conto publicado no jornal *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro em 1892, apresenta uma espécie de projeto condensado do romance *A cidade e as serras*, publicado em 1901, escrito por Eça de Queirós em 1900, ano de sua morte.

Dividido em cinco partes, o conto tem por protagonista Jacinto, um jovem burguês que vive num palácio em Lisboa, o *Jasmineiro*, cercado de todas as comodidades que a sua posição econômica pode-lhe oferecer.

O nome Jacinto é de origem mitológica (GUIMARÃES, 1993). Segundo a lenda, Jacinto era um jovem de beleza esplendorosa, amante de Apolo e também desejado por Zéfiro. Um dia, quando ele brincava de jogar discos com Apolo, Zéfiro, enciumado, fez o disco desviar e acidentalmente ferir Jacinto no rosto de forma letal. Do sangue de Jacinto nasceu uma flor semelhante ao lírio e mais

brilhante que a púrpura, nas suas pétalas havia traçadas interjeições de dor. Portanto, além de portar uma afinidade essencial com a natureza, o nome do protagonista já traz em sua origem o símbolo do lamento, traço psicológico da personagem em questão, que se intensifica na sua vida cidadina.

Todo o conto é narrado por seu amigo, quase anônimo, José (no romance Zé Fernandes, compreendido como a mesma personagem). É através da descrição desse narrador-personagem que, logo nas linhas iniciais da primeira parte do texto, o leitor é apresentado a Jacinto e à sua existência opulenta¹:

Eu possuo preciosamente um amigo (o seu nome é Jacinto) que nasceu num palácio, com quarenta contos de renda em pingues de terra de pão, azeite e gado. Desde o berço, onde sua mãe, senhora gorda e crédula de Trás-os-Montes, espalhava para reter as Fadas Benéficas, funcho e âmbar, Jacinto fora sempre mais resistente e são que um pinheiro das dunas... Não teve sarampo e não teve lombrigas. Nunca padeceu, mesmo na idade em que se lê Balzac e Musset, os tormentos da sensibilidade. Nas suas amizades foi sempre tão feliz como o clássico Orestes. Do Amor só experimentara o mel – esse mel que o amor invariavelmente concede a quem o pratica, como as abelhas com ligeireza e mobilidade. Ambição, sentira somente a de compreender bem as ideias gerais, e a “ponta do seu intelecto” (como diz o velho cronista medieval) não estava ainda romba nem ferrugenta...

Porém, essa sorte de um ser cercado de fartura, assegurado pelas posses da família e pelos rituais conferidos a príncipes desde o seu nascimento, não garante a Jacinto a felicidade buscada por todos os homens, já que, ainda no mesmo parágrafo, o narrador nos introduz nas angústias do protagonista, elemento motor do conflito:

[...] E, todavia, desde os vinte e oito anos, Jacinto já se vinha repastando de Schopenhauer, do Eclesiastes, de outros pessimistas menores, e três, quatro vezes por dia, bocejava com um bocejo cavo lento, passando os dedos finos sobre as faces, como se nelas só palpasse palidez e ruína. Por quê?

Marcado pela apatia, o comportamento de Jacinto parece carrear consigo o estado de espírito melancólico do *fin du siècle*, já anunciado na lenda que justifica o seu nome. Essa apatia geral tem sua origem na crise da “religião do progresso”. Tal estado de espírito é indicado no texto pelas preferências das leituras do protagonista, tanto Salomão, personagem bíblico, quanto Schopenhauer, filósofo alemão, são portadores do pessimismo experimentado pelo Príncipe da Grã-ventura. Dessa forma, tanto “Civilização” quanto *As cidades e as serras* põem em cena a crise dos ideais positivistas de ordem e progresso que, tendo vicejado ao longo do século XIX, já demonstravam, em seu final, sinais de fragilidade e indícios da própria falência.

¹ Todas as passagens do conto aqui citadas foram extraídas das *Obras completas* do autor, organizadas por Beatriz Berrini, Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997, p. 1507-1525. v. 2.

Todavia, o pessimismo da personagem será superado ao longo do conto, numa indicação de que o posicionamento ideológico de Eça é contrário ao niilismo e, no plano estético, ao decadentismo finissecular adotado por muitos autores.

O Decadentismo representava uma atmosfera artística marcada pelo pessimismo, atmosfera batizada por Eça de “nevoeiro místico”, que trazia como principais mentores filosóficos Arthur Schopenhauer (1788-1860) e Friedrich Nietzsche (1844-1900). Faceta do Simbolismo, seus principais representantes na poesia portuguesa foram Eugênio de Castro (1869-1944), Antonio Nobre (1867-1900), Camilo Pessanha (1868-1926) e Raul Brandão na prosa (1867-1930).

Para Haquira Osakabe, o decadentismo finissecular foi o resultado de um processo de decadência da civilização europeia que teria assumido feições definidas a partir da formação do cristianismo e evoluíra, modulando-se, até os tempos modernos. Tal percurso é perceptível nas opções de leitura de Jacinto a respeito de Salomão a Schopenhauer. Segundo Osakabe (2002, p. 31):

[...] a depressão resultava não tanto do declínio de um tipo particular de sociedade, mas da dissolução da tradição ética que o mundo ocidental teria erigido para si. Nesse sentido, o decadentismo foi muito mais que uma deposição de armas: foi a manifestação de um estado de espírito em que o homem sente-se mortalmente atingido no seu próprio cerne.

A personalidade de Jacinto no início do conto alude ao Decadentismo. Através da trajetória desse personagem, Eça responde a um conjunto de aspectos relevantes e que davam o tom predominante na cultura da época, a saber: Nihilismo, na filosofia, Decadentismo e Simbolismo, na estética, e Cientificismo, na epistemologia. Ao longo do enredo, o autor apontará uma saída para a crise gerada por essa atmosfera cultural.

A pergunta feita pelo narrador: “E, todavia, desde os vinte e oito anos, Jacinto já se vinha repastando de Schopenhauer, do *Eclesiastes*, de outros pessimistas menores, e três, quatro vezes por dia, bocejava, com um bocejo cavo e lento, passando os dedos finos sobre as faces, com se nelas só palpasse palidez e ruína. Por quê?” mostra sua dificuldade em compreender o desconforto de Jacinto e a sua inclinação para o pessimismo. O conto prossegue na busca dessa compreensão.

Todavia, o pessimismo da personagem será superado ao longo do conto, numa indicação de que o posicionamento ideológico de Eça vai contra o niilismo e o decadentismo finissecular adotado por muitos autores, no plano estético.

Após a descrição minuciosa da casa, palácio que guardava “tudo quanto” a modernidade vigente permitisse, adentramos em um dos espaços primordiais para o desenvolvimento do conto: a biblioteca de Jacinto. Através de sua apresentação, o autor faz uma espécie de levantamento do enciclopédico conhecimento humano acumulado nas estantes do Jasmineiro: “Vinte e cinco mil volumes, instalados em ébano, magnificamente revestidos de marroquim escarlate”. Na descrição da

biblioteca, o narrador lança mão de recursos que fazem vislumbrar o ponto nevrálgico do texto de Eça: a sua ironia contra a ideia de que o estado avançado da civilização, apenas pelo seu acúmulo de conhecimento e de avanço tecnológico, seja capaz de garantir felicidade. Uma vez desmentida, essa crença gerou o pessimismo decadente contra o qual Eça se insurge: “Assim se achava abastecido o meu amigo Jacinto de todas as obras essenciais da inteligência-e mesmo da estupidez”.

Em determinado ponto da narrativa, Jacinto e Zé Fernandes empreendem uma viagem à Torges, viagem que marcará a transformação do protagonista. Esse passa a questionar sua fórmula de felicidade baseada na civilização e encaixa-se numa nova vida construída num espaço de intersecção entre a cidade e campo pautada pelo equilíbrio entre os elementos essenciais desses dois espaços portugueses.

A partir dessa estada no campo, que acabará sendo a morada definitiva de Jacinto, Eça expõe simbolicamente seu projeto para uma nova sociedade portuguesa. Tomemos aqui como exemplo metonímico a biblioteca de Jacinto.

2 A biblioteca de Jacinto: *inutilia trunquat*

É interessante comparar a descrição final com a parte inicial do conto, na qual o narrador gasta algumas páginas para descrever os cômodos no Jasmineiro: a sala, o quarto, a biblioteca, o gabinete, todos empanturrados pelos objetos da civilização. Tal cotejo evidencia a distância entre os dois espaços. O primeiro marcado pelo exagero do supérfluo, o segundo, pela exatidão do essencial, aproximando-se da *aurea mediocritas* pregada também pelos mestres latinos. Um outro aspecto notável nesse ambiente aclimatado por Jacinto em Torges é a sua nova biblioteca, composta por critérios qualitativos.

A sua colossal biblioteca de mais de trinta mil volumes resumira-se, naquele novo espaço, a quatro obras. Dois clássicos da literatura ocidental, *Dom Quixote* e Virgílio, e dois livros históricos, *História de Roma* e *Crônicas de Froissart*. Referência literária para o início da modernidade, e, portanto, para as angústias do homem moderno, D. Quixote era, assim como Jacinto, um homem dividido entre dois mundos. Jacinto seria então um Dom Quixote às avessas, já que a personagem de Cervantes partia da fantasia medieval para a queda na realidade moderna e o “Dom Jacinto” fazia o percurso inverso: das fantasias modernas para a estabilidade e solidez de uma tradição campesina evocativa de padrões medievais. Além disso, outros pontos ainda possibilitam a comparação entre a personagem de Cervantes e Jacinto.

Há o fato de ambos se constituírem ideologicamente através de suas leituras e terem seus perfis psicológicos traçados sobre tais influências. O comportamento de Dom Quixote e de Dom Jacinto são frutos de suas bibliotecas. O primeiro foi formado pelas novelas de cavalaria e o segundo, a

princípio deformado pelos filósofos do pessimismo, termina por substituí-los por uma literatura que exalta a natureza, a exemplo de Virgílio, e por historiadores; natureza e história serão, portanto, os alicerces de sua transformação. Outro ponto de contato diz respeito ao fato de os protagonistas serem duas duplas, Quixote e Sancho e Jacinto e Zé Fernandes são pares que interagem durante todas as partes da narrativa de forma semelhante, já que os dois últimos elementos das duplas são sempre fiéis escudeiros dos primeiros, e os acompanham em suas jornadas.

Virgílio, obviamente escolhido pela suas *Bucólicas*, obra na qual pastores dialogam sobre vários aspectos da vida e vão evoluindo espiritualmente num cenário rústico marcado pelas belezas naturais, orienta o esquema narrativo desenvolvido por Eça em “Civilização”. As *Bucólicas* são compostas de dez partes, as *Éclogas*, e será, sobretudo, a quarta, a que melhor se adequará ao projeto eciano, desenvolvido através de Jacinto. Nessa parte da obra, a mais comentada pela crítica, Virgílio prevê a Idade de Ouro Latina, um período idílico para o Império Romano.

Tal obra ainda é introduzida textualmente, no conto, através dos versos que encerram a passagem supracitada: “*Fortunate Jacintbe! tu inter arva nota/ Et fontes sacros frigus captabis opacum*”, fazem parte dos versos 53 e 54 da *Écloga I* das *Bucólicas* e foram adaptados por Eça, que substituiu o vocativo “*Fortunate Senex*”, pelo nome do seu protagonista. O velho feliz de Virgílio, que no meio de rios e fontes sagradas gozara sombra e frescor, no conto passa a ser Jacinto.

A *História de Roma* possuía uma dimensão dramática, pois colocava a cidade sob a ameaça de um fim catastrófico previsto desde a sua fundação mítica por Rômulo, que profetizara um final datado (aproximadamente dez séculos) para essa civilização (ELIADE, 2000). Assim Virgílio, na sua misteriosa 4ª *Écloga*, vislumbra uma reconstrução de Roma conduzida pela figura simbólica de um menino, do *puer*. A partir dele, uma fase áurea substituiria a fase de ferro. Por essa razão, a obra de Virgílio foi vista como messiânica, pois a Igreja Católica nos seus primeiros séculos associou essa criança a Jesus Cristo: “*Casta Lucina, ampara, que já reina o teu Apolo, /o menino que está nascendo: a geração de ferro/com ele findará, ao mundo vindo a raça de ouro*” (VIRGÍLIO, 1984). Se o propósito de Eça no conto se pauta na reconstrução de um novo Portugal, ele é grifado pela lembrança de Virgílio.

No que tange às obras históricas preservadas na nova biblioteca de Torges, é clara a presença da *História de Roma*, já que a intelectualidade portuguesa da época a tomava como modelo de nação, conforme afirmou Oliveira Martins.

Quanto às *Crônicas* de Froissart, é mais uma vez a destreza sutil de Eça que o leva a escolher essa obra para compor a nova estante de Jacinto. As *Crônicas* compõem um clássico da história medieval francesa escritas por Jean Froissart (1337-1400) e têm como principal temática as guerras contemporâneas ao autor; são escritas segundo o modelo das novelas de cavalaria nas quais são destacados os feitos heroicos dos cavaleiros envolvidos nas batalhas camponesas. Há um destaque especial nessa obra para a *Jacquerie* (MOURRE, 1996, p. 2482), uma revolta camponesa ocorrida na

França entre maio e junho de 1358, provocada pela impopularidade da nobreza e pela miséria gerada durante a Guerra dos Cem Anos. Essa sublevação foi de uma incrível brutalidade, gerando grande repressão e um grande massacre. Após esse acontecimento, todas as revoltas camponesas receberam genericamente o nome de *Jacquerie*.

Compreende-se que a sagaz escolha de Eça pelo cronista francês relaciona-se, portanto, também ao projeto de uma nova República para seu país. O histórico negativo da *Jacquerie* trazia exemplo do que podia ser evitado na nova constituição da nação portuguesa, a partir da inclusão da classe camponesa no projeto republicano. Um novo Portugal, que reunisse os nobres, como os Jacintos, aos “*jacques*”, como Zé Brás, seu caseiro, termina por constituir mais uma referência ao Socialismo Utópico de Proudhon. Assim, a seleção bibliográfica de Jacinto liga-se ao projeto republicano de Eça, pautado na preservação dos elementos essenciais da tradição e da modernidade.

O conto se encerra com uma visita do narrador ao Jasmineiro para buscar livros encomendados por Jacinto (*Vida de Buda*, *História da Grécia* e obras de S. Francisco de Sales) e sua reflexão sobre o estado de abandono do palacete no qual a poeira se estendia pela biblioteca e as teias de aranha se espalhavam sobre os fios das máquinas ali em repouso. Mais uma vez, os livros demandados por Jacinto, para ampliar a sua biblioteca de Torges, são escolhidos criteriosamente e por razões qualitativas.

A primeira escolha, *Vida de Buda*, nos apresenta uma biografia semelhante a do protagonista. Sidarta Gautama, o Buda, nasceu príncipe em Lumbini em 624 a.C (na época norte da Índia, hoje parte do Nepal) e viveu no seu palácio até os 29 anos. Depois deixou uma vida de luxo que o entediava e decidiu percorrer a Índia durante seis anos atrás da sabedoria. Ao fim desse período, sentado em posição de lótus, atingiu a iluminação, tornando-se assim o Buda, que saiu pelo mundo ensinando o que havia descoberto, difundindo pelo Oriente a sua religião (SMITH, 2004). O Budismo não cultua um deus, acredita que o apego aos valores mundanos é o grande mal da humanidade e vencê-lo seria o primeiro passo para a iluminação. Excetuando, obviamente, a face iluminada e mística de Buda, a sua biografia assemelha-se à de Jacinto, que também vivera como Príncipe da Grã-Ventura, como o conto o chama largamente, e que abandonou seu palácio e as riquezas que o deprimiam para cultivar uma vida mais simples.

Quanto à *História da Grécia*, certamente vem somar-se à *História de Roma*, já presente na nova biblioteca, já que essas duas civilizações constroem o lastro cultural do Ocidente. A sua presença é fundamental para as novas leituras do protagonista. Se antes Virgílio e a história romana foram citados, seria necessária a complementação com a *História da Grécia*.

Restam apenas as obras de São Francisco de Sales (1567-1622)². Como São Francisco de Assis, São Francisco de Sales abandonou sua vida de fartura para dedicar-se à vida religiosa. Sua existência fora marcada pelo anti-calvinismo e pelo trabalho religioso de caráter social. Fundou escolas, ensinou catecismo às crianças e adultos, evangelizou inúmeras almas. Em vida ficou conhecido como Bispo-Príncipe de Genebra, cargo que desempenhava com dedicação. Tornou-se famoso pelas suas belas pregações e já era considerado como um santo pelos seus contemporâneos. São Francisco de Sales faleceu em 28 de dezembro de 1622, tendo sido canonizado em 19 de abril de 1665. Foi declarado Doutor da Igreja em 1877, pelo Papa Pio XI, que também o proclamou padroeiro dos jornalistas e escritores católicos. *Tratado do amor de Deus* e *Introdução à vida devota* são suas principais obras.

A escolha de Jacinto pelas obras salesianas, único título ligado à religião da sua nova seleção bibliográfica, deve estar fundamentada na trajetória de trabalho social desempenhada pelo santo durante sua vida. Eça propunha, portanto, para a sua nova República portuguesa, uma religiosidade verdadeiramente cristã, centrada numa caridade e amor ao próximo que efetivamente se traduzisse em trabalho social. São Francisco de Sales levava sua fé para além dos muros da igreja, libertando-se de amarras dogmáticas, contra as quais o escritor sempre lançara farpas ao longo de toda a sua obra.

Ao entrar no Jasmineiro para apanhar os livros encomendados, o narrador depara-se com o estado deplorável do palácio. Todo o seu luxo se decompunha, se destruía sob o bolor do tempo, denotando mais uma crítica ácida ao projeto civilizatório. A imagem da falência sugere a seguinte constatação:

A chuva de abril secara: os telhados remotos da cidade negrejavam sobre um poente de carmesim e ouro. E, através das ruas mais frescas, eu ia pensando que este nosso magnífico século XIX se assemelharia um dia àquele Jasmineiro abandonado, e que os outros homens, com uma certeza mais pura do que é a Vida e a Felicidade, dariam como eu com o pé no lixo da supercivilização, e, como eu, ririam alegremente da grande ilusão que findara, inútil e coberta de ferrugem. Àquela hora, decerto, Jacinto, na varanda em Torges, sem fonógrafo e sem telefone, reentrado na simplicidade, via, sob a paz lenta da tarde, ao tremeluzir da primeira estrela, a boiada recolher entre o canto dos boiadeiros.

Nessa passagem final do conto, há similitudes com o início da narrativa. A ausência do fonógrafo e do telefone e a presença do canto dos boiadeiros nos remete à cena da voz “fantasmagórica do progresso” e “do canto das fontes” anteriormente mostrados. Não se pode deixar de assinalar que, nessa etapa final do conto, Eça hesita no seu projeto de equilibrar tradição e modernidade, beirando uma postura regressiva, com privilégio dado a uma cultura alheia e aos avanços tecnológicos alcançados em sua época.

² Disponível em: <www.lepanto.com.br> e <www.rededecaridade.com.br>. Acesso em: 7 abr. 2007.

É possível que, ao decidir transformar o conto no romance, Eça tenha querido estabelecer um maior equilíbrio e assim eliminar essa hesitação que o levou a situar Jacinto num cenário “sem fonógrafo e sem telefone”.

No entanto, certo é que “Civilização” constitui, de fato, o germe do romance *A cidade e as serras* e, em decorrência, o primeiro esboço de um projeto que o último Eça desenhou para o seu país. Afinal no seu Jasmineiro da Serra, o afortunado Jacinto de “Civilização” já reinava como se estivesse em uma utópica República.

Em “Civilização”, salientamos a crítica de Eça ao decadentismo finissecular emblematizado pelo tédio de Jacinto. Emaranhado nas teias do progresso, o habitante do Jasmineiro, em Lisboa, evoca o homem ocidental atingido por uma modernidade em crise. A personagem só se refará desse pessimismo mórbido de viés decadentista, através do retorno ao Portugal campesino, espaço que, no conto, e depois, de forma mais nitidamente definida, no romance, surge como um mundo a ser reconfigurado a partir de uma intersecção entre os dois portugueses, o moderno, das cidades, e o tradicional, das serras; vale dizer: espaço que agregue traços da modernidade sem prejuízo da tradição.

INUTILIA TRUNCAT: A READING ON CIVILIZATION BY EÇA DE QUEIRÓS

ABSTRACT:

The present study aims to accomplish a reading of the tale “Civilização” (1892) by Eça de Queirós. Through the analysis of the changes occurred in the protagonist’s library during the narrative, it is possible to observe that the author uses the titles of the books as a textual strategy that shows the ideological change in the main character. As in other works by this author, Literature becomes a character in the Ecian tale.

KEYWORDS: Civilization. Eça de Queirós. Library. Tale.

Referências

- ELIADE, Mircea. *O mito do eterno retorno*. Lisboa: Edições Setenta, 2000.
- GUIMARÃES, Ruth. *Dicionário de mitologia grega*. São Paulo: Cultrix, 1993.
- MOURRE, Michel. *Dictionnaire encyclopédique d'histoire*. Paris: Larouse; Bordas, 1996.
- OSAKABE, Haqira. *Fernando Pessoa – resposta à decadência*. Curitiba: Criar Edições, 2002.
- QUEIRÓS, Eça de. *Obras completas*. Org. Beatriz Berrini. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. v. 2.
- REIS, Carlos. *O essencial sobre Eça de Queirós*. Lisboa: Ed. Imprensa Nacional, 2000.
- SMITH, Huston. *Budismo: uma introdução concisa*. São Paulo: Cultrix, 2004.

VIRGÍLIO. *Bucólicas*. Tradução e notas de Péricles Eugenio da Silva Ramos. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1984.

Recebido em 08/03/2010
Aprovado em 21/04/2010